



CONEDU
Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

(DES)CONSTRUÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE: INTERFACES ENTRE EDUCAÇÃO BÁSICA E ENSINO SUPERIOR

Fabiane Freire França
Universidade Estadual do Paraná Campus de Campo Mourão (UNESPAR)
prof.fabianefreire@gmail.com
Geiva Carolina Calsa
Universidade Estadual de Maringá (UEM)
gccalsa@uem.br

Introdução

É notória a existência de teorizações sobre gênero e sexualidade¹ que circulam em algumas instituições de Ensino Superior. Essas discussões têm chegado à escola, mas temos encontrado ainda resistências a essa abordagem. Nesta direção, é necessário colocar as teorizações em prática e um dos caminhos encontrados foi o de articular a produção de pesquisas no Ensino Superior a pesquisas na Educação Básica.

Deste modo, apresentamos um recorte de nossa pesquisa de doutorado iniciada no ano de 2010 e concluída neste ano de 2014 que se expressa na seguinte problemática: como transformar as teorizações e representações sobre gênero em modos de fazer pedagógicos no ambiente escolar?

Para atender ao objetivo da pesquisa: apresentar as interfaces dos Estudos de Gênero no Ensino Superior e na Educação Básica, os dados obtidos foram analisados pelo viés da Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2011). Nesse sentido, o presente artigo foi organizado em três subdivisões: na inicial propomos apresentar a metodologia da pesquisa, na

¹ Gênero refere-se às condições sociais de identificação social e corporal com as características de masculinidade e/ou feminilidade e suas variantes como travestismo, androginia, dentre outras. A sexualidade está atrelada ao encaminhamento ou direcionamento do desejo enquanto orientação sexual que representa o sujeito heterossexual, homossexual e bissexual (LOURO, 1997).



seqüência a síntese dos resultados e discussões decorrentes da investigação e por fim algumas considerações finais sobre a pesquisa.

Metodologia

O trabalho contou com a participação de 18 profissionais, mulheres² ao todo, que se desdobraram em 11 professoras, 2 orientadoras, 2 auxiliares de serviços gerais, 1 diretora, 1 auxiliar de cozinha e 1 servente geral funcionárias de uma Escola Municipal da cidade de Campo Mourão-PR.

Com base na premissa freireana, Accorssi (2011) e Romão et al (2006) salientam que o círculo epistemológico se constitui um recurso no qual pesquisados/as tornam-se pesquisandos/as, enquanto o/a pesquisador/a é desafiado/a a questionar suas próprias representações. As discussões do círculo epistemológico produzido por Accorssi (2011), e a sugestão de Jovchelovitch (2008) em pensar a pesquisa como um ato dialógico, ambas ancoradas em Paulo Freire (1987), permitiram-nos a organização de um novo recurso metodológico: o círculo dialógico. Em cada encontro, buscamos problematizar os saberes considerados verdades absolutas, o que significou interrogá-los do ponto de vista histórico, social e cultural, como também discutir a possibilidade de reorganizá-los a partir dos novos elementos expostos pela coordenadora e originados da própria interação do grupo.

No círculo dialógico, para a realização do processo de problematização e desconstruções sobre os conceitos hegemônicos de gênero e sexualidade, utilizamos notícias de jornal sobre agressão a homossexuais, imagens de famílias homoafetivas, vídeos sobre a temática, situações consideradas “problemas” que podem ocorrer no cotidiano escolar para estabelecermos diálogos e coletarmos as representações das participantes.

Além disso, tivemos acesso ao espaço escolar, desde a sala de aula à sala das professoras e professor. Observamos situações nos pátios, corredores, em vários momentos: nos horários de entrada, durante os intervalos e no período de saída da escola. As informações coletadas foram

² Embora tivessem dois homens – um professor do quarto ano e um técnico responsável pelo laboratório de informática-, apenas as professoras aceitaram aderir à pesquisa. O professor justificou não ter afinidades com a temática.



reconstruídas em forma de transcrições literais, feitas em diário de campo como proposto por Bogdan e Biklen (1999). Tanto as observações, quanto o círculo dialógico ocorreram no 2º semestre de 2012 com duração de 4h (13h15-17h15) e de 1h e 30 min (17h30-19h) respectivamente.

Para a observação dos sujeitos contamos ainda com a colaboração de quatro auxiliares de pesquisa (acadêmicas de Pedagogia) que foram orientadas a anotar todas as situações percebidas durante as observações do espaço escolar e das próprias discussões durante os círculos dialógicos que tivessem alguma conexão com os estudos de gênero e sexualidade.

Resultados e Discussão

No transcorrer dos círculos dialógicos, apesar da prevalência de representações sociais hegemônicas, encontramos indícios de polifasia cognitiva³ das participantes sobre o tema gênero e sexualidade que se evidenciaram em suas dúvidas, conflitos e tensões. As verbalizações das participantes ora sinalizavam representações sociais, ancoradas em uma visão binária e cristalizada de gênero, ora manifestavam dúvidas em relação ao seu posicionamento pessoal, seus valores e crenças, ora questionavam abertamente as representações expressas pelas colegas e que reproduziam o esperado como padrão de comportamento de homens e mulheres.

Essas representações sociais se objetivam em práticas pedagógicas observadas por nós no cotidiano escolar, como a escolha de cores para colorir os desenhos – azul para meninos e rosa para meninas –, de brinquedos e brincadeiras fixos para cada gênero, de colegas para conversar – meninos com meninos e meninas com meninas como expresso em uma das falas das participantes “meninas não devem ficar ‘entulhadas’ entre os meninos” (Registro do diário de campo), do jeito se movimentar, de se sentar ou ficar em pé. Essas condutas são sugeridas aos/as alunos/as por serem consideradas pelas participantes adequadas ao padrão de como ser menino e menina. Em todas essas situações, as professoras e funcionárias justificam suas atitudes a

³ Estado em que se reconhece a diversidade e a coexistência das lógicas do saber (Moscovici, 2011).



partir da afirmação de que estão formando as crianças para que não sejam mal vistas ou rejeitadas pelos/as colegas. As participantes comentaram também se importar com os/as adultos/as, em particular as famílias dos/as alunos/as. A reação das famílias foi também a principal justificativa para que assuntos relacionados ao gênero não sejam abordados na escola. Apesar disso, constatamos que tais justificativas referem-se às suas próprias dificuldades em lidar com esse tema na medida em que não aceitam expressões de gênero e sexualidade não normatizadas.

Conclusão

Tomando como referência as teorizações de Jovchelovitch (2008) e Moscovici (2011), consideramos que a manifestação e discussão de representações sociais diferentes em um contexto de dialogicidade - como foram os círculos dialógicos - contribuíram para a abertura das participantes ao diálogo com o outro, ao que é diferente de si. Como alertam os/as autores/as, o processo de desconstrução e construção de representações sociais não significa substituição de saberes e fazeres e sim sua coexistência, ainda que sejam contraditórios e opostos. Supomos que o diálogo com e sobre o “outro” pode desestabilizar certezas naturalizadas e absolutizadas.

Em vista desses resultados, consideramos que não bastam somente teorizações em nível superior, faz-se necessária uma prática de formação continuada voltada para a subjetividade dos/as profissionais que atuam na instituição escolar. Estudos anteriores (FRANÇA, 2009; FRANÇA; CALSA, 2010; 2011) evidenciam a importância da formação de professores/as envolver também os elementos de sua formação pessoal e profissional, uma vez que subjetividade, razão, emoção, sentimentos e valores formam as representações sociais que ensinam aos seus/as estudantes.

Outro caminho foi a escolha por uma formação conjunta de docentes em formação – acadêmicas de Pedagogia, auxiliares da pesquisa – e docentes já atuantes, bem como as funcionárias das escolas, tais como auxiliares de serviços gerais e de cozinha que aceitaram fazer parte das discussões. Fizemos desta proposta uma experiência e a tornamos um convite, a quem se



interessa por estratégias de ação e reflexão sobre gênero para além de uma visão canônica ocidental.

Referências

ACCORSSI, Aline. **Materializações do pensamento social sobre a pobreza**. 184 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Faculdade de Psicologia, Pós-Graduação Psicologia Social. PUCRS. Porto Alegre, 2011.

BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sara. **Investigação qualitativa em educação**. Uma introdução à teoria e métodos. Porto: Porto Editora, 1999.

FRANÇA, Fabiane Freire. **A contribuição dos estudos de gênero à formação docente: uma proposta de intervenção**. 2009. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 2009.

FRANÇA, Fabiane Freire; CALSA, Geiva Carolina. Gênero e formação docente: contribuições de um processo de intervenção pedagógica. **Revista Contrapontos** – Eletrônica, Itajaí, v. 10. n. 2, p. 105-112, maio/ago., 2010.

FRANÇA, Fabiane Freire. CALSA, Geiva Carolina. A problematização dos saberes de gênero no ambiente escolar: uma proposta de intervenção à formação docente. **Revista Antíteses**, UEL, Londrina, v. 4, n. 7, 2011 p. 203-222.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Os contextos do saber**: representações, comunidade e cultura. Petrópolis: Vozes, 2008. (Coleção Psicologia Social).

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: investigações em psicologia social. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

ROMÃO, José Eustáquio; CABRAL, Ivone. E; CARRÃO, Eduardo Vítor de M. COELHO, Edgar P. Círculo epistemológico círculo de cultura como metodologia de pesquisa. In. **Revista Educação & Sociedade**. a. 9, n. 13. P. 173-195, Universidade Metodista de São Paulo. Jan./jun. 2006.
